

## O caminho para a Diplomacia

Um homem que cruzou o mundo. Da Bolívia ao Azerbaijão. O Embaixador Sergio Tutikian partiu de Porto Alegre em 1964, após prestar o concurso para o Itamaraty, retornando apenas depois de aposentado. Atualmente o senhor – não gosta de ser chamado assim – de 74 anos mora no bairro Moinhos de Vento. Diplomata há 40 anos, “caiu nas graças” de estudantes de Relações Internacionais que o veem como inspiração. E para ajudá-los, falou à RANF sobre as questões que tangem as relações internacionais modernas, os desafios da carreira diplomática e como se preparar para a prova do Instituto Rio Branco.

*Por João Henrique Salles Jung e Thamara Riter*

**RANF:** O que te levou a pensar na Diplomacia? Por que ser um Diplomata?

**TUTIKIAN:** Eu fui influenciado, na época, quando eu estava no curso científico, para ciências exatas. Eu deveria ser engenheiro, por isso, eu estava me preparando estudando físicaquímica, e matemática. E nesse curso, por uma coincidência, eu tive dois colegas filhos de diplomatas. Aí eles começaram a falar sobre a carreira, e eu comecei a prestar atenção nos dois. Um deles, o Maurício (Cardoso), era muito meu amigo – como ele ficava em um internato, nos finais de semana ele ia para a minha casa – e ele me falava sobre a diplomacia, me apresentou ao pai. Mas, até então, eu desconhecia a diplomacia. Eu sempre gostei de servir à pátria, mas eu não queria ser político. E também não queria ser militar. Então, quando apareceu a diplomacia eu vi ali uma chance. Mas, no começo, eu me assustei, porque aquilo equivale à dois vestibulares. Mas, depois de ir ao Itamaraty, pegar o programa, eu decidi que era essa a carreira que eu queria seguir. Então, eu decidi cursar Direito, e depois que me formei fui para o Rio de Janeiro realizar a prova.

**RANF:** Quais são os maiores desafios da carreira diplomática?

**TUTIKIAN:** O maior desafio, dentre muitos que a carreira diplomática lhe impõem, é tu conseguires sempre ser promovido por mérito. Porque, a partir de um determinado momento, se não for promovido por mérito, não consegue chegar a embaixador. Acaba

a carreira como conselheiro. Então é importante escolher bem os seus chefes, pois são estes que irão alavancar os seus postos dentro do Itamaraty e lhe darão visibilidade para poderes chegar aonde quiseres, no caso máximo, a Embaixador.

**RANF:** Como se dá a questão do mérito dentro da carreira?

**TUTIKIAN:** O mais difícil são as promoções, as quais foram alteradas no governo Lula, quando a administração criou mais 400 vagas, mas não “mexeu” na carreira. Então, o que acontece é que está havendo um engarrafamento. As pessoas sabem que não vão ser promovidas. Só vão chegar à Conselheiro. Não vão alcançar o posto de Embaixador.

**RANF:** Quais as qualidades que alguém tem que ter para a “encarar” a carreira diplomática?

**TUTIKIAN:** A primeira coisa é que a carreira exige certo equilíbrio emocional, maturidade. Mas, principalmente, uma inteligência emocional muito aguçada, no sentido de saber qual é hora que não deve dar palpite, de ficar quieto... Tem que ser uma pessoa afável, cortês, extrovertida (mas não em excesso), não pode ser fofoqueiro, tem que ser sociável também, mas nada em excesso, tem que ser normal, como tem que ser na carreira de Relações Internacionais em geral. Tem que seguir o protocolo à risca, nem mais nem menos.

**RANF:** Como que os estudantes que tem interesse na diplomacia devem se preparar?

**TUTIKIAN:** Primeiro tem que ter foco. Outro ponto é que, muitas vezes, as pessoas viajam para o exterior, voltam com a pronuncia do inglês, francês, impecável, mas não é culto (gramatical). E uma pessoa que não foi viajar, se ela focar bem, ela passa. Deve conhecer o tipo de exame, dar uma olhada nas provas, e exercício. Eu insisto nisso. Tem que fazer uma redação, pelo menos, a cada quinze dias. Porque a maturidade dos candidatos vai ser medida através do conteúdo da redação de cada um. Tem que ser feito um plano de estudos diário, inclusive, que avance o sábado. O estudante precisa saber exatamente quais as matérias que precisam de mais horas e quais necessitam de menos horas.

**RANF:** Isso equivaleria à preparação para o vestibular em uma universidade federal?

**TUTIKIAN:** Eu diria que o Rio Branco são dois vestibulares. Porque você tem muitas matérias. É um vestibular muito trabalhoso. Você tem que fazer uma redação com 600

palavras, em um tempo determinado, com conteúdo, não é assim, de uma hora para a outra. Tem que treinar assuntos atuais/contemporâneos, assuntos subjetivos – vocês tem que aprender a transformar em objetivo porque, por exemplo, se for falar sobre a felicidade utilizando termos filosóficos, que você pode desagradar quem está fazendo a correção ou agradar muito – mas tudo é com treino. Tem que estudar muito. Focar muito. Principalmente inglês, francês e português através de exercícios. E começar desde já.

**RANF:** Dando um redirecionamento a entrevista, ao sair do âmbito da carreira diplomática e adentrar a política internacional, quais conflitos vigentes tu consideras os mais críticos?

**TUTIKIAN:** Eu não acho que exista uma nova guerra fria, como muitos afirmar; entretanto, certamente há uma polarização de influência entre Estados Unidos e Rússia nos principais conflitos que vemos hoje. Putin tenta restaurar a antiga União Soviética, que segundo ele, teve na sua queda o pior evento do século XX. Na Ucrânia ele está conseguindo firmar seu poder, já tendo conquistado a Crimeia e agora cerceando a região de Donetsk. Além disso, há ainda nos países satélites como Geórgia, Armênia e Azerbaijão a sua forte voz, que impõem barreiras nas negociações entre estes países e a União Europeia. Essa situação é interessante, pois os Estados Unidos vivenciou uma situação de hegemonia total na virada do milênio, considerando que a Rússia estava preocupada em se restabelecer com a queda do sistema anterior. Agora Putin está retomando o poder russo e reequilibrando a balança de poder no sistema internacional, fato este que é muito benéfico para todos, pois a unipolaridade não é boa. Já pensando no Estado Islâmico, deve-se pensar nos interesses das potências regionais em relação a este, sendo as questões da Turquia e do Irã essenciais para o entendimento deste novo grupo “terrorista” que está ganhando repercussão, que utiliza métodos de terror inspirados em grupos que já existiram. O componente religioso atrelado ao político se torna muito delicado. O Cáucaso, a Índia e o Paquistão, a questão da Caxemira, e os conflitos entre as Coreias são também importantes e levam conseqüências para outros locais do mundo.

**RANF:** Embaixador, o senhor enxerga novos pólos de poder ascendendo no sistema internacional através de exemplos como a China e a Rússia, ou os Brics e as cooperações Sul-Sul no sentido multilateral?

**TUTIKIAN:** Eu não sou tão otimista em relação aos novos pólos de poder como BRICs e as cooperações do Eixo Sul-Sul. Na África, por exemplo, as cooperações entre o Brasil e os países do continente passam por uma escassez de recursos, em outras palavras, os fortes investimentos realizados na região – principalmente no governo Lula – não trazem retorno expressivo. Nossos maiores compradores de produtos manufaturados continuam sendo Estados Unidos e União Europeia, considerando a derrocada econômica da Argentina, que era nosso maior importador de manufaturados. Além disso, não acredito também na hegemonia econômica da China, pois se for analisar, as reservas chinesas se encontram nos Estados Unidos em títulos do tesouro norte-americano, e para se ter uma hegemonia econômica, deve-se ter uma independência em relação a este. A China um dia pode alcançar os Estados Unidos, entretanto, ainda encontra-se muito aquém. Outra questão é o pólo militar, que os norte-americanos se encontram mais bem organizados e equipados do que a China, e uma coisa se relaciona diretamente a outra. Já a Rússia é um país certamente muito importante na região da Eurásia, sendo protagonista em questões como a da Síria e do Irã, além de exercer forte influência em zonas estratégicas geopolíticas para os Estados Unidos, porém a abrangência do Estado russo se dá de forma mais regional e não tanto global. Desta forma, acredito que os Estados Unidos ainda mantenham a posição de grande potência, com perspectivas de se manter assim por um tempo ainda. Outra questão interessante, que é pouco discutida, é o pivô que o Chile está fazendo entre os Estados do MERCOSUL e da Aliança do Pacífico, o que vem a criar uma relação mais forte entre América Latina e Ásia.

**RANF:** E quanto às aspirações do Brasil em relação a um assento permanente no Conselho de Segurança da ONU; o senhor gostaria de comentar algo?

**TUTIKIAN:** Acho que o Brasil não pode ter aspirações para adentrar no CSNU devido à conjuntura atual. Se com o 5+1 (os membros permanentes em união à Alemanha) as coisas já não são resolvidas com um consenso, sendo a maioria das questões vetadas por alguma parte, o Brasil não viria a ajudar nesta questão. Outro ponto é que o Brasil recuou no seu protagonismo internacional no início do governo Dilma. O período Lula foi muito importante para a diplomacia brasileira e angariou bons contatos para o país, porém atualmente esta influência expandida se encontra um pouco defasada. Creio que o Brasil deve se preocupar mais em fortalecer sua influência regional na América Latina do que almejar um posto tão importante no principal órgão multilateral da atualidade.

**RANF:** Tu terias alguma sugestão de filme e/ou livro, em especial, que agregue conhecimento sobre as relações internacionais para nossos leitores?

**TUTIKIAN:** Livros eu teria vários para destacar, porém coloco uma ênfase especial em dois. Um deles é o “Brazil on the Rise”, de Larry Rohter. O escrito retrata as contradições do Brasil em diversos casos, mas ao mesmo tempo, sustenta a ideia de que o Estado brasileiro vem ganhando poder e importância no cenário internacional. Outro livro que eu gostaria de indicar e que vem conquistando popularidade é “Os Sonâmbulos: Como eclodiu a Primeira Guerra Mundial”, do professor Christopher Clark. Acho interessante dar atenção a esta livro pelo fato de que os efeitos da primeira grande guerra são pertinentes até hoje. O autor analisa os eventos chave vivenciados pelos principais atores da época a fim de compor um panorama geral do que levou de fato ao conflito.

**RANF:** Gostaríamos de agradecer a sua atenção e disponibilidade em poder nos receber em sua casa para ceder esta entrevista, temos certeza que a mesma será de grande valia para todos.

**TUTIKIAN:** Foi um prazer recebê-los. Creio que o saber científico deve ser disseminado e os parabênzinhos pela iniciativa da Revista Novas Fronteiras.